

A arte imita a vida?

Karla Willemann Universidade do Estado de Santa Catarina, SC, Brasil
Schutz <https://orcid.org/0000-0003-0177-078X>
karlawschutz@gmail.com

Resumo Resenha do livro *Luz, câmera, arquivos: o arquivista representado no cinema*.
Palavras-chave Resenha. Luz, câmera, arquivos. Universidade Federal de Santa Catarina.

Does art imitate life?

Abstract Book review *Luz, câmera, arquivos: o arquivista representado no cinema*.
Keywords Review. Luz, câmera, arquivos. Federal University of Santa Catarina.

¿El arte imita la vida?

Resumen Reseña del libro *Luz, cámara, archivos: o arquivista representado no cinema*.
Palabras clave Reseña. Luz, câmera, arquivos. Universidade Federal de Santa Catarina.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Submetido em 19/02/2024
Aprovado em 26/04/2024
Publicado em 03/06/2024

De que forma os arquivistas e seus espaços de trabalho são representados pelo cinema? Essa é a indagação que se colocam e buscam responder Luri Laniski de Moura – graduado em Arquivologia na Universidade Federal de Santa Maria, especialista em Gestão de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atualmente arquivista dessa mesma instituição –, e Eliana Maria Dos Santos Bahia Jacintho – Doutora em Arquivos e Bibliotecas em Entorno Digital pela Universidad Carlos III de Madrid e que além de professora dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia da UFSC e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Santa Catarina (PGCIN – UFSC), tem um longo currículo de atuação no estado de Santa Catarina, trabalhando como bibliotecária na Fundação Catarinense de Cultura e como diretora da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Luz, câmera, arquivos: o arquivista representado no cinema, lançado pela editora Appris no ano de 2023 é o fruto da pergunta que abre esta resenha e a qual foi o mote da dissertação desenvolvida por Moura (2023) durante o seu mestrado realizado junto ao PGCIN – UFSC, orientado pela coautora do livro aqui em questão, a professora Eliana Maria Dos Santos Bahia Jacintho.

O livro está dividido em 11 capítulos: *Quando o arquivo e o cinema se encontram; Informação e ciência da informação; Profissionais da informação; Unidades de informação e arquivos; Cultura, cinema e representações; A segurança dos acervos entra em cena; Atendimento ao usuário nas telas;*

A representação dos profissionais de arquivo; Caracterização dos ambientes de arquivo; Gestão documental e acessa na ficção e Considerações. Nos primeiros deles, são caracterizados as motivações e objetos da pesquisa, bem como, as teorias e autores que vão embasar a análise subsequente. A análise propriamente dita é iniciada a partir do sexto capítulo, o qual começa por tratar de que maneira a segurança dos acervos arquivísticos é mostrada pelas obras de ficção pesquisados.

À primeira vista, quando pensamos na figura de um arquivista ou de uma arquivista, que imagem nos vêm à mente? Quando pensamos no cinema, quantos desses profissionais dos arquivos vemos em obras cinematográficas? Aqueles que aparecem nesses audiovisuais, como são representados? Aquilo que ali vemos é baseado em estereótipos ou em verossimilhanças? Obras audiovisuais alcançam o mundo inteiro e suas narrativas são instrumentos que representam comportamentos da sociedade, sejam elas ficções ou documentários. Nessa perspectiva, podemos dizer que a indústria cinematográfica pode atuar tanto na construção e valorização de identidades bem como na consolidação de estereótipos, reforçando imagens que não são verossimilhantes ao mundo fora das telas.

Baseando-se em Roncaglio e Manini (2016), Moura e Jacintho (2023) consideram que o cinema interfere no imaginário coletivo, estabelecendo uma relação entre o audiovisual, o tema e o espectador e causando a sensação de que o recorte do real que ele (o filme) representa é a "absoluta realidade". O livro traz uma relevante reflexão nesse sentido, algo raro dentro da Ciência Arquivística, que, em geral, se preocupa com questões mais práticas da profissão, debates próprios da gestão documental. Importante destacar que não é um problema pensar as questões práticas do campo, elas são, de fato, essenciais. Mas, os autores entendem que o questionamento dessas representações é a oportunidade de refletir sobre o campo profissional do arquivista e as implicações dessas imagens propagadas pelo cinema nas futuras escolhas profissionais de diferentes sujeitos.

Com intuito de desenvolver essa discussão, como afirmado anteriormente, os autores dividem a obra em 11 capítulos que passeiam por temas como os encontros entre cinema e arquivo, os debates sobre informação e ciência da informação, a segurança da informação nos arquivos, o atendimento e a gestão nesses espaços e como se configuram seus ambientes. Logo, em um primeiro momento são mapeadas quais são as representações do profissional da informação que emergem na literatura especializada da área e, por conseguinte, especificamente qual seria o perfil

do arquivista nesse espectro. Essas imagens são, inclusive, pensadas historicamente, entendendo de antemão que as competências e habilidades de um profissional da década de 1970 não são as mesmas de um arquivista atuante no século XXI.

No passado, as habilidades essenciais estavam mais voltadas para o manuseio e a organização de documentos físicos. Os arquivistas dependiam muito de habilidades manuais, como classificação, indexação e catalogação de documentos em papel. Além disso, a conservação e preservação de documentos físicos era parte de seu trabalho, assim os arquivistas desempenhavam um papel fundamental na pesquisa histórica, auxiliando historiadores e acadêmicos na busca por informações. Hoje em dia, as habilidades anteriormente citadas ainda são requisitadas, porém, a prevalência e o grande volume de documentos digitais exigem que arquivistas estejam capacitados a lidar com esse suporte documental, gerindo, preservando e garantindo a integridade e acessibilidade destes objetos digitais ao longo do tempo.

No que se segue, o livro trata dos locais de atuação do profissional arquivista – partindo da literatura especializada –, pois Moura e Jacintho compreendem que não é possível desvincular a multiplicidade desses cenários do trabalho e do perfil do arquivista que nele vai atuar. Nesse sentido, é necessário observar como se desenrolam as dinâmicas de construção e funcionamento de unidades de informação, em especial, os arquivos.

Após essa análise inicial, fundante na tentativa de entender os perfis de arquivista que serão repercutidos pelo cinema, é que os autores mergulham de fato nas obras audiovisuais. Primeiramente, pensando o desenvolvimento do cinema, das estruturas narrativas que dão corpo às obras e da indústria cinematográfica ao longo do tempo. Depois dessa contextualização, a análise foi pautada em três critérios fundamentais, a escolha de filmes longa-metragem, de ficção e com período de lançamento compreendido entre os anos de 2011 e 2021. Esses critérios, por sua vez, foram desdobrados em categorias: segurança dos acervos; atendimento ao usuário; profissionais, ambientação e gestão documental e acesso, as quais foram definidas a partir do conteúdo dos filmes e da identificação de cenas, diálogos e imagens que contivessem profissionais de arquivo ou ambientes de trabalho como arquivos e centros de documentação. Por fim, foram selecionados para análise 64 filmes e cada qual foi encaixado em uma das categorias listadas acima, com intuito de analisar as representações neles presentes.

As conclusões trazidas ao fim da obra deram a ver diversos pontos de afastamento entre o trabalho de arquivistas nas mais diversas instituições e as imagens que o cinema constrói acerca

desses mesmos profissionais. Segundo Moura e Jacintho (2023), é até mesmo curioso perceber que em muitas cenas a presença de um arquivista é irrelevante, e os personagens – usando as expressões dos autores – buscam e encontram a documentação que desejam em uma espécie de self-service, entrando em espaços de acesso controlado e ali capturando o objeto desejado.

Já as estruturas físicas dos arquivos são retratadas como lugares escuros, repletos de poeira, pouco visitados e até mesmo com mau-cheiro. Corroborando outras imagens que tratam o trabalho nos arquivos como uma espécie de punição. Representações que vão de encontro com o que afirma atualmente a literatura especializada, a qual não trata mais o arquivo como um depósito de "papéis velhos" e que abomina a tão disseminada expressão "arquivo morto".

Em suma, ao longo das 158 páginas da publicação, os autores fazem uma análise cuidadosa dessas representações e realizam um estudo muito particular dentro do cenário de pesquisa em ciência da informação, em especial da Arquivologia. A título de exemplo, com perspectiva semelhante é possível localizar o livro de Cynthia Roncaglio e Miriam Paula Manini intitulado *Arquivologia & Cinema: um olhar arquivístico sobre narrativas fílmicas* (2016), que trata do uso do cinema no processo didático-pedagógico no Curso de Arquivologia em nível superior. Nesse sentido, vale ressaltar que diferentemente, de *Luz, câmera, arquivos*, que se propõe a discutir teoricamente a representação do profissional arquivista, a publicação de Roncaglio e Manini discute aplicações do cinema na prática docente, enveredando pelo caminho que alia a teoria e a práxis.

O trabalho de Moura e Jacintho (2023) nos convida a pensar sobre os olhares possíveis - e muitas vezes equivocados - que são lançados ao profissional arquivista e ao seu ambiente de trabalho. Diferentemente do que os autores constataram, atualmente os profissionais da informação, dentre eles os arquivistas, são agentes dinâmicos, que precisam estar em consonância com as mudanças que acompanham a sociedade e, portanto, sempre atualizados. Como já afirmado, os documentos já não têm mais o mesmo suporte de décadas atrás, os fluxos documentais já não são mais os mesmos de décadas atrás, assim os arquivistas também não são mais os mesmos.

Como apontado na obra, aprofundar o debate sobre essa temática é benéfico tanto para a construção de uma identidade profissional, como para a desconstrução de estereótipos e rótulos que insistem em acompanhar os arquivistas que hoje assumem papéis cruciais na difusão de informações que podem fomentar a garantia de direitos fundamentais do cidadão, bem como embasar a tomada de decisões administrativas.

A profissão de arquivista é regulamentada no Brasil desde o final da década de 1970, porém ainda são percebidos muitos entraves a esse profissional no mercado de trabalho e esses empecilhos podem surgir por conta da falta de conhecimento sobre o trabalho que efetua. *Luz, câmera, arquivos: O arquivista representado no cinema* pode ser um "empurrãozinho" que fará funcionar a engrenagem que movimentará o processo de tornar conhecido o trabalho do arquivista, não só um "guardião da memória", mas um facilitador de processos ou um assegurador de direitos. Quem sabe assim, nesse caso, a arte passe a imitar a vida, tal qual um dia sugeriu o filósofo Aristóteles.

REFERÊNCIAS

MOURA; I. **Representação do profissional da informação: o arquivista e seu ambiente de trabalho no cinema**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2023.

MOURA, I.; JACINTHO, Eliana M. dos S. B. **Luz, câmera, arquivos: o arquivista representado no cinema**. Curitiba: Appris, 2023.

RONCAGLIO, C.; MANINI, M. P. **Arquivologia & cinema: um olhar arquivístico sobre narrativas fílmicas**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2016.

NOTAS DE AUTORIA

Karla Willemann Schutz

Possui graduação (licenciatura e bacharelado) em História (2013) e mestrado (2015) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História (UDESC) com área de concentração em História do Tempo Presente, na linha de pesquisa Políticas de memória e narrativas históricas. Participa do Grupo de Pesquisa Culturas Escolares, História e Tempo Presente (CEHTP) e do Grupo de Estudos História, Cultura Escrita e Leitura (GEHCEL) vinculados ao Laboratório de Patrimônio Cultural (LapPac - UDESC). Tem experiência no campo da história oral, com ênfase em pesquisas que pensam a trajetória deste campo no Brasil. Realiza pesquisa de doutorado acerca da trajetória intelectual do historiador catarinense Carlos Humberto Pederneiras Corrêa. Atualmente é bolsista CAPES-DS.

Link Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/8796623406370612>.